

O Círculo de Leitura Literária Carolina Maria de Jesus como dispositivo de letramento racial na formação docente

Sahmaroni Rodrigues de Olinda¹
Marlia Aguiar Façanha²
Nara Camilo Melo³

Resumo

Apresentaremos o Círculo de leitura literária Carolina Maria de Jesus, projeto de extensão (FACED/UFC), cujo objetivo é ler coletivamente obras literárias com temática/autoridade de pessoas negras, LGBTQIA+, mulheres, indígenas e PCD, fomentando a prática de leitura literária em docentes em formação inicial e continuada seguindo o modelo de círculo de cultura freiriano, em que todos participam da construção de significados, os estudos de Cosson (2020) sobre círculos de leitura e Bajour (2012) e suas discussões sobre a força da escuta/partilha da palavra em rodas de leitura/discussão de obras literárias. Trata-se de pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, tendo dados oriundos do projeto de extensão aprovado pelo edital 15/2024 (PREX/UFC) que caracteriza o dispositivo, dados oriundos de questionário elaborado para seleção de vinte componentes internos e externos à instituição, e avaliação das atividades do primeiro semestre de atividades ocorrido no ano de 2024. Como resultados, percebe-se o poder formativo da leitura coletiva de obras literárias, fomentando interpretações múltiplas e repertório que pode auxiliar docentes a se posicionarem em momentos de escolhas de acervos, autores e obras em exercício de mediação de leitura literária, além de letramento racial e de gênero e inclusivo na perspectiva emancipatória.

Palavras-chave: Letramento Literário. Formação Docente. Círculo de Leitura.

The Carolina Maria de Jesus Literary Reading Circle as a racial literacy device in teacher education

Abstract

We will present the Carolina Maria de Jesus Literary Reading Circle, an extension project (FACED/UFC), whose objective is to collectively read literary works with themes/authorship of black people, LGBTQIA+, women, indigenous people and PWD, promoting the practice of literary reading in teachers in initial and continuing training following the Freirean culture circle model, in which everyone participates in the construction of meanings, Cosson's (2020) studies on reading circles and Bajour (2012) and their discussions about the power of listening/sharing words in reading/discussion circles of literary works. This is qualitative research, of an exploratory nature, with data coming from the extension project approved by notice 15/2024 (PREX/UFC) that characterizes the device, data coming from a questionnaire prepared to select twenty internal and external components to the institution, and

¹ Doutor em educação pela Universidade Federal do Ceará / Sorbonne Cité Paris 13 / Nord, Coordenador do Círculo de Leitura Literária Carolina Maria de Jesus. Professor adjunto do Departamento de Teoria e Prática do Ensino (FACED-UFC). E-mail: sahmaronirodrigues@ufc.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4820-6134>.

² Doutoranda em Educação Brasileira - UFC, professora efetiva de História da rede estadual do Ceará. Participa da coordenação do Círculo de Leitura Literária Carolina Maria de Jesus. Trabalha com os temas: feminismo, gênero e educação antirracista. E-mail: marliaaguiarf@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0939-5259>.

³ Estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará, monitora da disciplina Ensino de Língua Portuguesa e uma das fundadoras e bolsista voluntária do Círculo de Leitura Literária Carolina Maria de Jesus. E-mail: naracamilo@alu.ufc.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-0411-4000>.

evaluation of the activities of the first semester of activities that took place in the year 2024. As results, the formative power of collective reading of literary works is perceived, promoting multiple interpretations and repertoire that can help teachers to position themselves in moments of choosing collections, authors and works in the exercise of mediating literary reading, in addition to racial and gender literacy and inclusiveness in the emancipatory perspective.

Keywords: Literary Literacy. Teacher Formation. Reading Circle

Introdução

Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro.

O livro é a melhor invenção do homem. (...)

Todos tem um ideal. O meu é gostar de ler.

(Carolina Maria de Jesus)

Pesquisas têm revelado uma grande lacuna na formação leitora de docentes, principalmente no que se refere à leitura literária, evidenciando a dificuldade que surge quando docentes que deverão mediar a leitura literária não são leitores(as) e/ou não possuem os saberes necessários para tal mediação (Amarilha, 2021; Cosson, 2021; Andrade, 2007). Essa lacuna tem dificultado a escolha e a mediação da leitura literária junto a crianças e adolescentes, uma vez que a ausência de repertório compromete o uso de saberes literários no exercício da docência (Andrade, 2007; Amarilha, 2021).

A partir desta constatação, indagamos: como podemos tentar reverter este quadro? Quais estratégias e políticas poderiam ser fomentadas para mudar este quadro, que evidencia a lacuna da leitura literária no cotidiano docente? E a leitura de literatura não canônica como a produzida por mulheres, pessoas LGBTQIA+, pessoas negras e indígenas e pessoas com deficiência (PCD), de modo que haja formação de leitores literários ao mesmo tempo em que ocorra processo de letramento racial e inclusivo emancipatório?

Foi a partir desta problemática que o Círculo de Leitura Literária Carolina Maria de Jesus foi criado no primeiro semestre de 2024. O projeto é uma ação de extensão do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Ceará (UFC), coordenado pelo professor Sahmaroni Rodrigues de Olinda em parceria com o Centro Acadêmico Paulo Freire. Nesse sentido, ele surge tanto para suprir a lacuna de repertório dos docentes quanto para atender à demanda dos estudantes dos turnos diurno e noturno do curso de Pedagogia.

Portanto, neste trabalho, discutiremos a leitura literária como um processo de letramento que intersecciona aspectos literários, raciais, *queer* e inclusivos de forma emancipatória. No entanto, reconhecemos que essas pautas frequentemente são cooptadas pelo sistema capitalista e transformadas em produtos de consumo, o que não garante, de fato, a emancipação da maioria das pessoas negras, LGBTQIA+, mulheres e indígenas da classe trabalhadora, pois como nos lembra Bell Hooks, “comunidades de resistência são substituídas por comunidades de consumo” (Hooks, 2019, p. 83). Assim, como diz a escritora Ana Maria Gonçalves em entrevista ao programa *Provoca* (Tas, 2024), não se trata de lutarmos por representatividade, conceito que flerta com a ideia de diversidade de mercado, mas pela presença física destes grupos historicamente excluídos, inclusive, da ideia de humanidade defendida pelo modelo universal europeu (Dias, 2023; Rosa, 2022; Cuti, 2010).

Entendemos que este trabalho se justifica pela importância de socializar experiências de leitura literária que vêm acontecendo de maneira exitosa, também pela necessidade de refletir sobre espaços sociais/coletivos de formação de leitura estética de licenciandos e futuros docentes. Partindo das ideias de Cosson (2020, 2021) e Bajour (2012), defendemos o potencial transformador da leitura e discussão coletiva de literatura, e a necessidade de lermos obras e autores de grupos minorizados em nosso processo sócio-histórico excludente e nocivo para certos grupos sociais (Dalcastagnè, 2012).

Assim, o objetivo geral do texto é o de apresentar o Círculo de Leitura Literária Carolina Maria de Jesus, projeto de extensão (FACED/UFC), cuja proposta é ler coletivamente obras literárias com temática/autoria de pessoas negras, LGBTQIA+, mulheridades, indígenas e PCD, com o objetivo de fomentar a leitura literária na formação inicial e continuada de docentes, seguindo o modelo de círculo de cultura freiriano, os estudos de Cosson (2020) e Bajour (2012).

Como objetivos específicos, buscamos: 1. Descrever a proposta do Círculo de Leitura Literária tal qual se encontra no projeto aprovado pelo Edital 15 da Pró-Reitoria de Extensão (UFC); 2. Narrar o processo de seleção de integrantes a comporem o círculo, pois tal processo aponta as estratégias político-metodológicas empregadas pelo projeto em seu funcionamento; 3. Discutir, a partir da avaliação coletiva de nosso primeiro semestre de atividades, o impacto que as leituras e estratégias de mediação de leitura têm causado nas pessoas participantes. Na próxima seção, nos deteremos a abordar os processos metodológicos empregados na execução das atividades, o detalhamento das práticas de mediação e as evidências dos efeitos gerados nos participantes, com base em nossas análises.

Metodologia

*Vocês são incultas, não pode compreender.
Vou escrever um livro referente a favela.
Hei de citar tudo que aqui se passa.
E tudo que vocês me fazem.
Eu quero escrever o livro, e vocês com estas
cenas desagradáveis me fornece os argumentos.
(Carolina Maria de Jesus)*

Silva (2018) aponta a importância de tecer narrativas sobre experiências de ensino, de modo que o que se faz seja refletido para que se gere, a partir deste processo reflexivo sobre o próprio trabalho, uma percepção intelectual sobre o que se faz, gerando uma percepção da junção entre teoria e prática, forma e conteúdo, e para que nós docentes sejamos efetivos autores de nosso trabalho. Desse modo, os dados apresentados foram produzidos a partir de uma experiência de curricularização da extensão, intitulada Círculo de Leitura Literária Carolina Maria de Jesus, que está em andamento, e cujos dados aqui utilizados correspondem ao nosso primeiro semestre de existência.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa (Silva, 2018) de caráter exploratório, fundamentada em dados oriundos projeto aprovado pelo Edital 15 da Pró-Reitora de Extensão, que selecionou propostas de curricularização da extensão; de questionário utilizado para a seleção de participantes do círculo; registros contidos em nosso diário de encontros — dispositivo empregado para documentar os momentos coletivos de discussão e os comentários dos participantes, os quais influenciam e remetem à proposta formativa do círculo —; e de oito respostas recebidas por meio do formulário criado para avaliar coletivamente os encontros realizados no primeiro semestre de 2024.

O diário de nossos encontros foi criado como forma de honrar a memória da autora Carolina Maria de Jesus, que tinha o hábito de fazer diários e escrever tudo em seu caderno, inclusive ameaçando seus vizinhos de colocá-los em seus diários quando havia conflitos na favela em que moravam (Jesus, 2020). O hábito de pegar um caderno para escrever sobre o que se observa e vê a fez escrever ainda outros livros, como *Casa de Alvenaria* e *Diário de Bitita*. A partir dessa tradição, criamos um caderno em que registramos os nossos encontros no intuito

de registrar por escrito nossas impressões, os principais pontos das discussões e as partilhas realizadas na comunidade de pessoas leitoras que estávamos compondo.

O formulário de avaliação foi criado ao final do primeiro semestre de 2024: trata-se de formulário *online* criado na plataforma *Google* com questões abertas e objetivas para que soubéssemos o que fora proveitoso e aquilo que não fora tão aprazível para o grupo, de modo que pudéssemos iniciar o processo de planejamento para o segundo semestre de 2024. A partir do formulário, foram recebidas oito respostas que compõem nosso *corpus* de análise dos dados que figuram neste artigo.

Os dados foram lidos e relidos, e, a partir deles, buscamos problematizar algumas afirmações que se esvaziaram no debate sobre a formação de leitores e a ampliação do cânone, com o objetivo de viabilizar a inclusão de grupos sociais historicamente excluídos. Buscamos, assim, pentear a contrapelo (Benjamin, 1996), respondendo aos nossos objetivos de pesquisa, com o intuito de refletir sobre nossa prática e problematizar tanto os conceitos e concepções encontrados nas primeiras impressões do projeto, quanto as noções que se cristalizaram e foram esvaziadas, especialmente no que se refere à leitura e às questões sociais de grande relevância que ela envolve.

Resultados e Discussões

Diego não conhecia o mar.

O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar.

Viajaram para o Sul.

Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.

Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia,

depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos.

E foi tanta a imensidão do mar, e tanto seu fulgor,

que o menino ficou mudo de beleza.

E quando finalmente conseguiu falar, tremendo,

gaguejando, pediu ao pai: - Pai, me ensina a olhar!

(Eduardo Galeano)

Como podemos, então, desenvolver e refletir sobre processos de aprendizagem em mediação de leitura literária? Como arregimentar estudantes do curso de Pedagogia, outras

licenciaturas, e professores da educação básica para pensarem em uma nova educação literária que promova a ampliação cultural e estética dos indivíduos? Como conseguir dos docentes e dos alunos da licenciatura em Pedagogia, e demais licenciaturas, a inserção em ações educativas que sejam processos sensíveis de fruição, expressão e produção artístico-literárias?

A partir dessas questões, surgiu o Círculo de Leitura Literária Carolina Maria de Jesus, que visa criar um espaço coletivo de leitura, fruição, nutrição estética e compreensão de obras literárias de autoria feminina, negra, LGBTQIA+, indígena e de pessoas com deficiência (PCD), no intuito de ampliar o acesso a obras artístico-literárias que se encontram na periferia do cânone nacional, entrecruzando o letramento literário racial (Rosa, 2022; Cuti, 2010), transviados e/ou *queer* (Dias, 2023). Nesse sentido, compreendendo letramento como:

Aqui convém explicitar, em primeiro lugar, que considerar **letramento literário um processo** significa tomá-lo como um **estado permanente de transformação, uma ação continuada, e não uma habilidade que se adquire** como aprender a andar de bicicleta ou um conhecimento facilmente mensurável como a tabuada de cinco. Também deve ficar claro que **o letramento literário não começa nem termina na escola**, mas é uma aprendizagem que nos acompanha por toda a vida e que **se renova a cada leitura de uma obra significativa**. Depois, **trata-se de apropriação, isto é, um ato de tornar próprio, de incorporar e com isso transformar aquilo que se recebe, no caso, a literatura**. [...] Por fim, **trata-se da apropriação da literatura não apenas como um conjunto de textos, consagrados ou não, mas também como um repertório cultural que proporciona uma forma singular – literária – de construção de sentidos** (Paulino; Cosson, 2009, p.67, negritos nossos).

Assim, partindo dessa definição, entende-se o letramento literário como um processo que não começa nem termina na escola, mas que está espalhado em diversos espaços sociais, ainda que a escola tenha um papel bastante importante a desempenhar na “divulgação dos bens simbólicos que circulam fora dela, mas para poucos” (Walty, 2011, p.54). Além disso, ao nos apropriarmos de algo, podemos modificá-lo, ampliá-lo, fazê-lo a nosso modo, dialogando ou conflitando com o que está dado socialmente, uma vez que, a partir deste repertório cultural, é possível produzirmos outras possibilidades artístico-literárias.

Concomitantemente, cruzamos tal conceito com o de letramento racial, entendido como “um conjunto de práticas que permite que pessoas racializadas, tanto brancas quanto não brancas, passem a perceber a racialização e suas consequências na sociedade” (Severo, 2021, p. 6402). Interseccionando-o com o letramento literário queer — ou, como preferimos,

transviado —, entendemos este como uma proposta de leitura “como meio para aprender a ser crítico e criativo, questionando a perspectiva heteronormativa e as narrativas tradicionais (...) um ato de resistência e de empoderamento que oferece a oportunidade de se conectar com as narrativas e os personagens LGBTQIA+” (Dias, 2023, p. 81).

Também confluímos com a ideia de que a arte humaniza, torna-nos humanos, faz-nos sentir perspectivas diferentes das nossas, faz-nos experienciar a alteridade (Larrosa, 2007; Paulino; Cosson, 2009; Cosson, 2018). Nesse sentido, tratando-se de ensinar literatura, pensamos que ensinamos melhor aquilo que nos é significativo, aquilo que é do terreno da nossa vida, aquilo que experienciamos, que nos acontece, nos toca, nos fere (Larrosa, 2002) e não apenas um saber de obrigação, um saber emprestado, que “é importante saber” apenas por alguém ter dito que assim era (Zilberman, 2021).

Não se tratava, entretanto, de uma literatura qualquer, mas aquela que, sendo arte e não teoria e/ou panfleto político, nos trouxesse a presença de grupos que foram despejados/excluídos de espaços de poder, como a universidade e o cânone literário, acentuando o caráter ideológico do letramento (Rosa, 2022). Esta proposição aponta para a necessidade de abrir espaço para literaturas outras, uma opção política, portanto, não de dar voz, mas de ouvir o que mulheres negras, pessoas LGBTQIA+, negras, indígenas, PCD escrevem e propõem como arte. Daí Carolina Maria de Jesus ser nosso símbolo e referência: uma mulher de pele retinta, favelada e catadora de lixo que ousou amar ler e escrever literatura, ainda que ao seu lugar social não fosse o indicado ou previsto.

Assim nasce o Círculo de Leitura Literária Carolina Maria de Jesus em março de 2024, uma ação de leitura artística, como um clube do livro, cujo foco é democratizar o acesso a obras literárias contemporâneas de autoria feminina, negra, indígena e LGBTQIA+. Nosso objetivo é, portanto, ler literatura, e não ler sobre a literatura. Nesse sentido, não se constitui como um grupo de estudos, mas um grupo de fruição estética e de democratização da leitura. Utiliza-se da nomenclatura "Círculo de Leitura", em detrimento de "clube do livro", para confluir com a proposta freiriana dos círculos de cultura, tomando a ideia de literatura no seu sentido mais amplo e contemporânea, isto é, para além do canônico (Dalcastagnè, 2012).

Nos tempos atuais, parece ser uma perda de tempo parar para ler uma obra literária, de modo que a literatura é vista como algo pertencente aos séculos passados (Cosson, 2020). No modo apressado em que vivemos, dedicar parte de nosso tempo para tocar e aproveitar uma obra de maneira que sejamos tocados por ela parece ter se tornado obsoleto, deixando de oferecer prazer e conhecimento.

Além disso, a concepção de leitura como uma atividade unicamente solitária acarreta a não percepção das possibilidades de ler uma obra coletivamente com o intuito primeiro de lê-la para somente depois, e ainda coletivamente, buscar construir sentidos para ela. A partir dela e de nosso encontro, podemos ampliar os sentidos em nossas vidas (Martins; Picosque, 2012), inclusive encontrando brechas para recontar nossa história, escovando a história a contrapelo (Benjamin, 1996).

Por fim, o processo de escolarização da leitura literária, tão necessário para garantir o direito à democratização da literatura (Soares, 2011), acabou 'desgastando' o encantamento pela possibilidade imaginativa e lúdica do literário, na medida em que este foi transformado em uma tarefa burocrática escolar, concretizando-se em listas de autores — quase sempre homens, brancos, héteros (Dias, 2023) — períodos literários, características de obras, e, nos anos iniciais e finais do ensino fundamental, nas famigeradas fichas de leitura (Soares, 2011).

Desse modo, propomos o círculo de leitura como uma possibilidade teórico-político-metodológica de acesso à literatura, valorizando o círculo freiriano, no qual a leitura da obra e a conversa são as principais ferramentas. Como afirmam Martins e Picosque (2012, p. 37): “conversar é um modo de exposição sobre o que estamos pensando, sentindo, e, por isso, um momento de partilhar as impressões, as sensações, as ideias e conceitos perceptivos gerados pela experiência estética”.

Segundo Cosson (2021, p.29): “um círculo de leitura é a reunião de um grupo de pessoas para discutir um texto [artístico-literário], para compartilhar a leitura de forma mais ou menos sistemática”. Com formatos que são definidos pelo próprio grupo de pessoas interessadas que o compõem, os círculos de leitura literária vêm sendo apontados como uma possibilidade de democratizar a leitura literária, sendo para isso importante a preparação de mediadores, tornando-se imprescindível “a presença de um mediador sensível, atento, disponível, provocador de conversações que socialize e amplie os modos de ver/significar/viver arte e cultura” (Martins; Picosque, 2012, p.30). Segundo essas autoras, podemos entender mediação como:

O ato ou efeito de mediar. É uma intervenção, um intermédio. Juridicamente, o termo é empregado para processos pacíficos de acerto de conflitos internacionais onde a sugestão é sugerida e não imposta. Envolve assim dois pólos que dialogam através de um terceiro, um mediador, um mediano, o que ou aquele que executa os desígnios de intermediário. Estes

desígnios estão em nosso foco, na mediação entre a produção artística e o fruidor, buscando fruição - ação ou efeito de fruir: gozo, posse, usufruto (Martins; Picosque, 2012, p.25).

A literatura pode humanizar, conforme afirma Antônio Candido (1995). Pode pentear a história a contrapelo, mostrando-nos outras versões para a história, para as normas sociais hegemônicas, pode nos estesiariar, entendendo estesia “uma capacidade que permite a percepção, através dos sentidos, do mundo exterior”, algo como uma “poética da dimensão sensível do corpo” (Martins; Picosque, 2012, p.35) que nos possibilita uma experiência de ser afetado por outras condições de existência, outros lugares, comportamentos, seres, deslocamentos.

O Círculo acontece desde março de 2024, às terças, quinzenalmente das 19:00 horas às 21:00 horas, de início, na própria FACED. No entanto, devido a uma greve de professores, passamos a fazer parceria com a Biblioteca Municipal Dolor Barreira, próxima à UFC. Abrimos seleção para 15 integrantes: 5 ligados à UFC; 05 da Rede de Educação Básica; e 05 selecionados da comunidade externa. As inscrições foram feitas via formulário *Google*, e ficaram abertas do dia 26 de janeiro até o dia 26 de fevereiro do mesmo ano. Tivemos 32 inscrições e, dessas, selecionamos 15 integrantes, tendo como critérios, além dos espaços citados acima (UFC, Rede de Educação Básica e comunidade externa à UFC), pessoas negras, indígenas, LGBTQ+, PCD e mulheres.

Enquanto equipe de coordenação, o Círculo atualmente é composto pelo professor-coordenador Sahmaroni Rodrigues de Olinda, a doutoranda do programa de Pós-Graduação em Educação (UFC) Marlia Aguiar Façanha e a bolsista remunerada de extensão, Nívea Maria Rodrigues dos Santos, além dos bolsistas voluntários de extensão: Nara Camilo Melo e Renan Lopes da Silva. Além destes integrantes, quatro bolsistas de iniciação acadêmica: Angelica da Silva de Sousa, Giovanna Gomes de Lima Queiroz, Kamila Sales da Silva e Maria Giovana das Gracas Silva Freire.

Em nosso primeiro encontro, além das boas-vindas, realizamos um planejamento coletivo, decidindo as obras lidas no primeiro semestre (*Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus e *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo). Neste primeiro ano do projeto, decidimos ter obras de mulheres negras e, dessa forma, continuaremos lendo autoras como Eliane Alves Cruz (*Água de Barrela*), Eliane Marques (*Louças de Família*), Conceição Evaristo (*Becos da Memória*) e, evidentemente, Carolina Maria de Jesus (*O escravo*).

Todas as decisões são coletivas, inclusive o lanche que compartilhamos em cada

encontro. Do mesmo modo, as mediações são coletivas, tendo duas ou três pessoas como responsáveis pela condução de cada encontro e por pensar perguntas ou atividades que fomentem a leitura em voz alta e/ou discussão de trechos preferidos por cada participante, de modo a haver troca e partilha de percepções e reflexões estético-artístico-sociais.

Mas de que maneira essas mediações têm afetado integrantes que compõem o círculo? De que maneira o *slogan* “leiam mulheres negras” tem deixado de ser uma frase vazia para se tornar uma prática por parte de quem desejou e sustentou o desejo de ler essa literatura? Como o dispositivo “Círculo de Leitura” tem contribuído na ampliação de mundo de seus integrantes, inclusive de docentes que o compõem?

A partir das oito respostas enviadas como avaliação de nosso primeiro semestre de atividades, podemos dizer que sim, há um efeito positivo na forma como encaramos essas questões sociais: desde a pluralidade de vivências do que significa ser uma mulher negra a uma visão menos idealizada, portanto mais respirável para estas mulheres, do que significa ser mulheres negras (no plural) seus contextos, dores, amores, forças e contradições.

Gostei bastante. Só acho lamentável a gente não começar no tempo combinado, fazendo tudo ficar mais corrido. Acho também que seria importante haver leituras dos textos durante os encontros... Pintar é legal, mas notei que muita gente não lia "mulheres negras" e acho que o foco deve ser ler e discutir. (Respondente)

Nesse comentário, a pessoa participante destaca algo que vimos reforçando bastante: há um *slogan* esvaziado que prega “leia mulheres negras”, uma certa referenciação de força, ancestralidade etc., mas o ato de desejar dedicar tempo em seu cotidiano para efetivamente ler as obras dessas mulheres tem sido um desafio, seja pela correria de nossas vidas de trabalho, seja pela falta de hábito de ler literatura, considerada, muitas vezes, como leitura inútil. É a partir daí a fala que reforça, de um lado, o esvaziamento do *slogan* e, do outro, a opinião formada sobre tudo, sem nem se ter lido a obra escolhida coletivamente.

É neste sentido que enfatizamos anteriormente o quanto a ideia de representatividade pode esconder a perpetuação da ausência de grupos minorizados nos espaços: não adianta falar em ler mulheres negras se esta leitura não se fizer presente em nosso cotidiano, se não reverenciamos essas autoras com a oferta de uma parte de nosso tempo e força vital no

cultivo do hábito de lê-las.

Era comum durante os encontros também ouvirmos comentários sobre o poder dos textos sobre o nosso corpo. Assim, uma das integrantes do Círculo, responsável por fazer a mediação do nosso último encontro sobre o livro *Olhos d'Água* de Conceição Evaristo, confessou-nos emocionada não ter conseguido terminar de ler a obra quando chegou ao conto *Luamanda* (Evaristo, 2014), uma vez que o conto trata, entre outras questões, da perda de filho, de maternidade e de direitos sexuais da mulher. Sendo assim, este tornou-se um gatilho para questões pessoais que ressurgiram em seu corpo com muita força. Entendemos que é esse o poder humanizador da literatura de que fala Candido (1995): a partir de histórias singulares em que são figuradas questões sociais sérias, sentimos em nós o eco e a possibilidade de empatia e solidariedade como armas políticas na mobilização pelos grupos minorizados. É pelo sentir que a razão mobiliza o corpo à ação.

Não é o mero palavrório, é a palavra com força estética, como um machado justiceiro a nos acordar para as injustiças. É o que nos faz lembrar outra integrante que, ao destacar que no conto *O cooper* de Cida, o *cooper* é o próprio *modus operandi* da personagem, semelhante ao nosso: ela corre até para correr, só corre. “Assustou-se. Percebeu que não estava correndo. Estava andando em câmera lenta, quase” (Evaristo, 2014, p. 72). A grandeza da literatura é nos fazer sentir o corrido da vida da personagem na escolha das palavras, e são as palavras que ecoando em nós, despertam nossa percepção do outro.

Interessante como as discussões ampliam o que a gente vê: não conhecia Carolina, e quando li o Quarto de despejo fiquei horrorizada como ela falava de outras mulheres, e dos favelados. Mas nas discussões, veio a Carolina mãe, mulher, favelada, escritora, leitora, contraditória... como nós... as discussões fazem a gente tirar o peso da idealização que a gente quer pôr sobre os grupos de minorias. Isso pra mim foi muito importante. (Respondente)

Neste trecho, podemos destacar três elementos importantes: primeiramente, a importância de realmente ler os textos e as autoras para conhecê-las dentro do que é figurado em seu trabalho artístico, de modo que o peso do ideal de militância sem contradição não seja mais uma carga sobre essas pessoas; em segundo lugar, a força do grupo de leitura, que nos ajuda a perceber as coisas de diferentes maneiras, ampliando nosso conhecimento de mundo, nossa percepção sobre as personagens e situações lidas, e, portanto, nosso entendimento sobre

o mundo; e, por fim, mas não menos importante, o peso da idealização que grupos minorizados precisam carregar.

Se, como aponta Freire (1987), podemos diminuir a distância entre o que falamos e fazemos, é igualmente importante lembrar que, enquanto pessoas vivendo em um contexto social extremamente contraditório, seria ilógico não sermos contraditórias em alguma medida. Muitas vezes, continuamos a violentar certos grupos quando exigimos deles o que não corresponde ao contexto social em que vivem. Assim, esperar de Carolina determinados elementos (como sororidade, solidariedade marxista de classe etc.) é violentar sua memória. A posição, então, deve ser honrá-la enquanto mulher negra que ousou sair do lugar social imposto a ela, sem que, por isso, se esperasse dela atitudes angelicais diferentes das que estavam presentes em seu contexto sócio-histórico.

Considerações finais

*Vou aprender a ler
Pra ensinar meus camaradas
Vou aprender a ler
Pra ensinar meus camaradas
'Prender a ler
(Capinan/ Roberto Mendes)*

Este texto teve como objetivo geral apresentar o Círculo de Leitura Literária Carolina Maria de Jesus, projeto de curricularização da extensão (FACED/UFC), cuja intenção é ler coletivamente obras literárias com temática/autoria de pessoas negras, LGBTQIA+, mulheridades, indígenas e PCD, objetivando fomentar leitura literária na formação inicial e continuada de docentes seguindo o modelo de círculo de cultura freiriano, os estudos de Cosson (2020) e Bajour (2012).

Como objetivos específicos, visamos descrever a proposta do Círculo de Leitura Literária, aprovada pelo Edital 15 da Pró-Reitoria de Extensão (UFC); narrar o processo de seleção dos integrantes do Círculo, uma vez que esse processo revela as estratégias político-metodológicas empregadas pelo projeto em seu funcionamento; e discutir, a partir da avaliação coletiva de nosso primeiro semestre de atividades, o impacto das leituras e das estratégias de

mediação de leitura sobre as pessoas participantes.

Para isso, optamos por uma abordagem qualitativa e utilizamos dados oriundos de um formulário de avaliação das atividades desenvolvidas no primeiro semestre de 2024, além de dados do diário de registro de nossos encontros, um dispositivo criado em homenagem a Carolina Maria de Jesus, nossa referência de resistência na garantia do direito à leitura e à escrita literária. Este direito, no entanto, continua sendo um bem cultural negado a determinados grupos sociais, apesar de, até hoje, servir como parâmetro para a mensuração do capital cultural considerado legítimo por instituições que selecionam e excluem pessoas de certos espaços e postos de trabalho.

Utilizamos também do formulário de seleção de integrantes para o círculo, pois os parâmetros utilizados já demarcam nossas opções teórico-políticas na perspectiva de criação de uma comunidade de pessoas leitoras de literatura, e não qualquer literatura, mas aquela produzida por grupos sociais historicamente excluídos e/ou deixados à margem do cânone literário.

Como conclusões, pudemos perceber que, apesar de um esvaziamento do *slogan* “leiam mulheres negras”, a formação de pessoas leitoras ainda é um desafio seja pela falta de tempo de estudantes-trabalhadoras e docentes em atuação, seja pela idealização da atividade de leitura que não leva em conta a necessidade de disciplina a ser criada para se “perder tempo” dedicado às obras e autoras selecionadas para serem lidas.

Não se trata de negar a importância de criar regimes de visibilidade e dizibilidade para estes grupos sociais postos à margem historicamente, mas de não se permitir o esvaziamento de uma pauta social de extrema importância, efetivando as condições para que a leitura aconteça, e para isso, repetimos, desidealizando a atividade de leitura: não basta espalhar nas redes sociais este tipo de *slogan*, é necessário se efetivar a leitura, se construir disciplina intelectual de parar o corpo, focar a atenção e o foco para se ler seja o que for.

Também é importante destacar que não se trata de representatividade. Para nós, palavra que aponta a cooptação pelo *mainstream* de uma pauta social importante: trata-se de garantir a presença de pessoas minorizadas em espaços sociais de poder. No caso, não apenas ler Conceição Evaristo ou Carolina Maria de Jesus, mas ler várias e diversas mulheres negras que têm se dedicado a escrever e publicar literatura em nosso país. Outro ponto que merece atenção é que o próprio acesso ao livro ainda é precário, com a maioria das pessoas participantes lendo em telas de celular, uma vez que não temos exemplares físicos disponíveis para todos. Nem mesmo os leitores de livros digitais, que, apesar da promessa de democratização por meio da

tecnologia, continuam sendo inacessíveis para a maioria das pessoas.

Também pudemos perceber a importância da leitura e discussão coletiva das obras na construção de percepções mais complexas, tanto da leitura do mundo quanto da leitura da palavra, permitindo que as diferentes posições sociais em que cada um de nós se encontra amplifiquem, por meio de nossa fala e escuta, a percepção das demais pessoas.

Por fim, outra conclusão que consideramos importante destacar é a desidealização que a leitura de obras e autoras minorizadas produz nos leitores, evitando o encadeamento de violências sociais que continuam a exigir de grupos minoritários que sejam coerentes, perfeitos, “melhores” que os demais, como uma forma de compensação. Em nossas discussões, fomos construindo a percepção, aparentemente óbvia, de que estávamos falando de pessoas, e pessoas são multiversos. Óbvia, mas, como afirmou Caetano Veloso (1982), será necessário um índio vindo das estrelas para mostrar aquilo que sempre esteve oculto: o óbvio.

A formação docente é um processo complexo que exige esforços contínuos em políticas de leitura e difusão de livros e outros materiais, a fim de possibilitar a apropriação desse bem cultural por aqueles que não tiveram acesso a ele em suas famílias e comunidades. Isso se torna ainda mais relevante quando consideramos que cabe aos pedagogos e pedagogas o trabalho inicial de mediação da leitura literária no processo de escolarização: que pedagogos e pedagogas estamos formando? Quais saberes, critérios e acervos essas profissionais, tanto em formação inicial quanto continuada, possuem para cultivar o hábito da leitura nas escolas? Que letramento racial, transviado e inclusivo essas profissionais têm recebido?

São questões como estas que esperamos serem respondidas em pesquisas futuras, em práticas de formação inicial e continuada que primem pelo presente dessas pessoas, pela pessoa adulta que são, pelas dificuldades acumuladas pelo processo de exclusão ao direito de acesso à leitura, à literatura e ao livro.

Referências

AMARILHA, Marly. Literatura em Pedagogia? Isso não é coisa de Letras? Em busca do elo perdido na formação dos primeiros professores. In: PINTO, Francisco Neto Pereira *et al.* (orgs.). *Ensino da literatura no contexto contemporâneo*. Campinas: Mercado de Letras, 2021, p. 447-462.

- ANDRADE, Ludmila Thomé de.** *Professores leitores e sua formação.* Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007.
- BENJAMIN, Walter.** *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura.* São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.
- CANDIDO, Antonio.** *Vários escritos.* 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- COSSON, Rildo.** *Círculos de leitura e letramento literário.* São Paulo: Contexto, 2020.
- COSSON, Rildo.** *Como criar círculos de leitura na sala de aula.* São Paulo: Contexto, 2021.
- CUTI, Luiz Silva.** *Literatura negro-brasileira.* São Paulo: Selo Negro, 2010.
- DALCASTAGNÈ, Regina.** *Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado.* Vinhedo: Editora Horizonte, 2012.
- DIAS, Roberto Muniz.** *Letramento literário e diversidade: Por que um letramento literário queer?* Salvador, BA: Devires, 2023.
- EVARISTO, Conceição.** *Olhos d'Água.* Rio de Janeiro: Pallas, 2014.
- FREIRE, Paulo.** *Ação cultural para liberdade.* 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GALEANO, Eduardo.** *O livro dos abraços.* Porto Alegre: L&PM Editores, 1991.
- GONÇALVES, Ana Maria.** Entrevista. Programa Provocações de 28 de maio de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7IJ6Y-1dy8&t=676s>. Acesso em: 18 jul. 2024.
- HOOKS, Bell.** *Olhares negros: raça e representação.* São Paulo: Elefante, 2019.
- JESUS, Carolina Maria.** *Quarto de despejo: diário de uma favelada.* São Paulo: Editora Ática, 2020.
- LARROSA, Jorge.** Literatura, Experiência e formação: uma entrevista com Jorge Larrosa. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Caminhos investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação.* Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007. p. 129-156.
- LARROSA, Jorge.** Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, n. 19, p.20-28, jan./fev./mar./abr., 2002.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. *Mediação cultural para professores andarilhos na cultura*. São Paulo: Intermeios, 2012.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania Maria Kunchenbecker (org.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009, p. 61-79.

ROSA, Sonia. *Literatura infantil afrocentrada e letramento racial: uma narrativa autobiográfica*. São Paulo: Jandaíra, 2022.

SEVERO, Renata Trindade. Letramento racial e técnicas de si. *Fórum Linguístico*. Florianópolis, v. 18 n. 3, p. 6400-6415, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/82010> .Acesso em: 12 ago. 2022.

SILVA, Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da. *Epistemologia da práxis na formação de professores: perspectiva crítico-emancipadora*. São Paulo: Mercado das Letras, 2018.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (orgs.). *Escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 17-48.

TAS, Marcelo. *Provoca*: entrevista com Ana Maria Gonçalves [programa de TV – Vídeo online]. São Paulo: TV Cultura, 28 maio de 2024, 22h. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_7IJ6Y-1dy8 .Acesso em: 25 fev. 2025.

VELOSO, Caetano. O canto de Dona Sinhá. In: *Cavalgada* [CD]. Universal Music Ltda., 1982.

WALTY, Ivete Lara Camargos. Literatura e escola: antilições. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (orgs.). *Escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p. 49-70.

ZILBERMAN, Regina. Letras – uma área em busca de justificativa In: PINTO, Francisco Neto Pereira *et al.* (orgs.). *Ensino da literatura no contexto contemporâneo*. Campinas: Mercado de Letras, 2021, p. 17-34.

Recebido em: 29 de dezembro de 2024.

Aceito em: 04 de março de 2025.